

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre . . . . .	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre . . . . .	600 »
Brazil, semestre . . . . .	700 »
Avulso . . . . .	20 »

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—**IMPRESA CIVILIZAÇÃO**

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

## A' MORTE DE FERRER

13—X—909

Maldita a tua igreja, ó Espanha das touradas,  
malditos os teus reis, torvas almas danadas,  
malditas as tuas leis e os teus chués conventos  
á ordem de quem são esses fuzilamentos  
que infamam a justiça e estripam o direito  
por odio monstruozo, horrendo, insatisfeito!  
Maldita, ó Montjuich, a tua sombra mesta,  
tua sombra homicida, lugubre, funesta,  
de covil de chacaes e de antro de hienas.  
Maldito, ó tribunal de Iagos, que condenas  
tornando a toga um trapo e a espada uma navalha  
nas mãos de *apache vil*,—vossa infamada egualha.  
Maldita, ó Espanha beata, torpe, inquisidora,  
o rancor que te nutre, o horror que te devora,  
de recuar o tempo ao Torquemada-juiz,  
dar-lhe os autos de fé, o esbirro, os aguazis.  
Maldita a farda que a frio-impia, bruta,  
com ferrea precisão e petrea ezeceuta  
a vingança do frade e a decizão real.  
Malditos teus salões, ó velho Escurial  
aonde mora, ainda,—espírito e guia,  
Filipe—terrivel Demonio do Meio Dia.  
Malditas tuas mães que parem bestas-feras,  
assassinos que são o asco das esferas,  
o nojo, o odio, o horror do intellecto humano!  
Maldita seja, ó Maura, a tua vida—guano.  
A' maldito na historia, essa Niove austera,  
teu nome, Afonso treze e o teu rasto—fera!  
Malditos, ante o mundo em agonia adusta,  
teus prelados do crime, ó Sé, par de Locusta,  
teus ciborios, teu culto, e tuas felonias!

Tu, martir, tu, heroe das pulcras Harmonias;  
fuzilado, desfeito, assassinado ancião  
na universidade és glorificação.  
Teu sangue hade florir, viçar jerminador,  
alentando na fé, roburando o labor,  
ah! não irá cair, de balde, em leiva agreste.  
Inocente, viril, impavido morreste,  
mas teu sangue será como uma imensa chama  
que abraze a eternidade e seja a voz que clama,  
anunciando o fim aos despotas malditos  
que semeam no mundo o desespero, os gritos.  
Morrer! Ah! pensa, então, a pavida crueza  
que chega a manietar aferrolhada, preza,  
a Idea—essa ascensão eterea, imorredoiira  
grandioza como um sol que o espaço aquece, doira,  
irradiando a flux e penetrando tudo.  
Como se o sangue fosse um laivo inane, mudo!  
Ah! não, o justo cáe varado, junto a um fosso,  
e o pensamento ascende incoercivel, moço,  
ardente, aliciador, seguindo o seu roteiro!  
Os seculos teem visto o morticinio inteiro  
de inocentes, de heroes, de martires da idea.  
Teem-nos visto jemer nas forcas, na cadeia,  
e veem-nos, por fim, á grande luz do dia  
de pé, sobre os montões que erguera a tirania.  
Tu, heroe, has regado a Mater creadora  
dando-lhe a iniciação da obra educadora  
consagrando-lhe a vida, os bens, a morte, a dôr,  
as horas de repoizo, as atrações do amôr.

Has vivido esse nobre e esplendido destino,  
de propagar a luz, de engrandecer o ensino,  
de combater o abuzo e dar a caça ao erro  
atravez das prizões, da ameaça, do desterro,  
das sevicias, da dôr, da tenebroza mina. . .  
Teu honrado labor é a obra diamantina,  
heroe, justo, campeão, martir da Liberdade!

Perante a horrorizada, aflicta humanidade,  
a quanto has tu descido, ó miseranda Espanha,  
nesta tragedia eterna, alucinante, extranha:  
tu, a patria do Cid e do cavalheirismo!  
E não tomba do céo, ovante, um cataclismo,  
não cobre a face o sol, nem breme a providencia  
ante o crime, ante o mal, ante a negra impudencia!  
Vae o apostolo ancião o seu caminho santo,  
e de punhal na boca espreitam-o, a um canto,  
um padre e um rei:—dois malfeitor's, para o matar;  
para o infamar—os salteador's, para o roubar.  
E não estala o odio em vagalhões sombrios,  
não se desfaz em luta, em sanha, em arripios;  
e Nemesis não solta, aos ventos, louca, a trança.  
Porque esperas, ainda, ó gladio da vingança? . . .  
Espanha! que pavor de farça e terrorismo!  
O' terra dos balcões floridos, que cinismo  
nos teus Mauras que são patibulares ladrões.  
Cobre de crepes, vá! teus fuljidos brazões.  
Terra de Pé y Margall, do D. Quixote errante,  
a data de hoje, lutuoza, horripilante,  
lanha de ferro em braza a tua nobre historia.  
Sim! Não se apagará dos homens a memoria  
ezececranda, feroz, dos teus frades precitos;  
do teu trono amassado em horridos delitos.  
Assassinar, roubar, um obreiro preclaro  
da luz, da paz, do amôr: de quanto ha justo, caro. . .  
Ah! Espanha, teus reis, a tua clerezia  
são a garra do mal angustiando o dia.  
O teu trono, o teu Deus,—que monstruozidades! . . .  
Vem o odio sagrado atravessando edades,  
paizes, fundações, minando o despotismo,  
quebrando os vis grilhões do reaceonarismo;  
e hade bater em cheio o teu fojo assassino,  
o teu cetro real, teu solio papalino!  
Afonso XIII, então, erguer-se-ha, castiça,  
fulgurante, estridente, bronzea, a justiça  
atirando-te aos cães, ó rei-Inquizidor.  
Ah! cola o ouvido á terra. . . escuta o seu rumor. . .  
A justiça! A justiça! O sacrosanto odio!  
Um prelado, um rei, um assassino póde-o  
negar, desconhecer:—satanica cegueira. . .  
O vosso Montjuich, açogue e ratoeira,  
arripia os cabelos. E' um pezadelo! . . .  
Pois bem. Nesse maldito e lugubre castelo  
vae lavrar-se a sentença—e os craneos acuzam.  
Homicidas legaes, tremei! ali não se uzam  
torpidades: sentenceia-se-vos o crime. . .

Justiça eterna! sem demora vem, redime!

Antonio Valente.

# Mauritania

Consumatum est!

O odio e a força, o rancor e a estupidez, levaram um povo bestializado á pratica do mais infame, do mais covarde, do mais estúpido assassinato—o de Francisco Ferrer.

Outr'ora—ha quanto tempo isso vae!—houve aqui perto, á nossa porta, um povo de coração e caracter, d'alma aberta aos sentimentos nobilitantes; chamava-se—Hespanha.

Rolaram os seculos e junto á arvore gigante nasceu planta daninha e parasita que começou de lhe roubar a seiva das raizes, a envolver-lhe e a apertar-lhe os ramos nos seus enleios, a viver da sua vida que por milhares de boccas sugava.

Atrophiou-se a arvore que só conserva o nome, desenvolveu-se a parasita que se chama Reacção.

Multiplicou-se e reproduziu-se esta; como base tem a malta que muito apropriadamente se denomina—*Companhia de Jesus*.

Apropriadamente, sim, não vos espanteis; é que ella é legitima descendente do burro e da vacca em cujas palhas elle nasceu e que foram a sua primeira companhia e tem muito de commum com os dois ladrões que foram a sua derradeira.

O que elles fizeram da gigantesca e nobre Hespanha vae-se vendo; fizeram perder ao seu exercito e á armada as esporas de cavalleiro, levando-o ás campanhas de Cuba e Philippinas e destruindo assim os titulos de valentia que custosa e justamente haviam adquirido, levaram-no á suprema baixeza para o romantico cavalleiro que esse povo ainda era—bater-se no Riff por uma questão de dinheiro.

Por fim transformaram-no n'um chatim.

E agora n'um assassino infame!!!

A Hespanha tinha Torquemada e Loyola a affastal-a da civilização e do mundo; pretendiam ligal-a vultos como os de Campoamor, Castellar, Blasco Ibañez, Ferrer e poucos mais. A alguns roubou a morte natural, aos outros mata-os a propria Hespanha.

Afasta-se, pois, da civilização, e vae para Marrocos; está bem.

Mas se Ferrer pertencia á Hespanha para lhe dar a gloria de o ter por filho e para ter jus ao seu fecundo trabalho, pertencia-nos a nós como pertencia a todo o mundo por a sua obra, por o seu coração, por o seu caracter.

Matando-o, roubou-nos; dois crimes!

Porque morreu Ferrer?

Porque guerreava e prejudicava os Jesuitas, libertando o povo por lhe esclarecer a intelligencia.

Commeteu crimes? Só esse.

Porque era preciso matal-o, tiveram a suprema covardia de procurar um pretexto; mas por castigo tiveram já a inutilização completa d'esse pretexto, a descoberta dos seus tenebrosos e infames propositos, a estúpida desatenção para com as supplicas da Humanidade inteira!

Torquemada veio presidir ao que persistem em chamar julgamento; a ordem libellou mentiras e o accusado não teve o direito de se defender!

Que resta da Hespanha nobre?

Nada! Ficou a canalha.

Ridiculo espirito d'aventuras, e tórpe e sanguinario espectro!

D. Quichote e Maura!

A Hespanha não existe! Chama-se o povo que geographicamente nos encerra contra o Atlantico—*a Mauritania*.

Ahi mesmo não morrerá nunca o germen forte e resistente da Liberdade e da Justiça.

Ahi mesmo, na podridão e na lama, entre frades e assassinos elle se reproduzirá.

Mas que maior trabalho tem agora!

Sobre salvar a Hespanha escurecer—que lavar, não pôde—a enorme mancha de sangue que o assassinato de Ferrer lançou sobre a bandeira hespanhola!

Quem o principal culpado?

Os ultimos hespanhoes, se ainda os ha, o descubram.

Lamenta a imprensa do mundo inteiro a infamia mauritana!

Um papel sujo do Porto, fica, hypocritamente, pedindo a Deus, se amerceie de Ferrer!

Não é preciso, pulhastro!

Esse Deus não te ouve, porque és indigno, nem Ferrer precisa de pedir o que por direito teria se n'elle crêsse!

Se Ferrer prégou a destruição e modificação do existente, que fez Christo?

Se este teve o Calvario, elle teve Montjuich, se este teve o Horto das Oliveiras, e Judas, tambem elle o teve. Se a doutrina de Christo foi julgada santa e se espalhou seculos depois, quem te diz, imbecil, que o mesmo não succederá, no futuro e talvez mais proximo, á de Ferrer.

Hypocrita! Tu não pedes a Deus, porque a isso nunca desceu Lucifer.

De tudo isto, dos Quichotes e Mauras, de toda essa negra e ensanguentada malta, só fica alva e pura, immaculada e santa a alma do Martyr Ferrer que não sobe ao ceu, apenas porque precisa pairar sobre os restos da velha Hespanha para a amparar e erguer.

Carvalho de Souza.

## FERRER

Mataram-no? Tanto melhor para o avanço das doutrinas que, com tanto amor, professava. Os martyres d'uma ideia foram sempre a sua melhor semente e é sobre os seus cadaveres mutilados, desrespeitados até pela canalha ébria, que a gloria vem beijar a fronte augusta dos triumphadores.

Mataram-no? Está de nojo a justiça. Nesta hora amargurada recebiam pesames todos os homens que sabem andar sem a arreata d'uma religião de fundilhos e sem os ent'olhos d'uns preconceitos d'engorda, porque Ferrer não é d'Hespanha, pertence á humanidade que elle tanto amou. Rejubla agora o clericalismo, n'um bater de caninos rombos, gastos d'esburgar os ossos dos rebeldes ao caseirismo das suas disputas de sachristia, como se assistisse á resurreição de Torquemada ou visse caminhar para Roma, em busca do perdão, descalço e faminto, o maior potentado da terra.

Mataram-no? Não. Ferrer é hoje, mais que nunca, a materialização d'um ideal largo d'amor e liberdade que muitos corações desejam e muitos peitos defendem. Viverá como um martyr das proprias doutrinas e dos erros e dos crimes d'uma sociedade best alisada por um egoismo miseravel e por um fanatismo estreito. As manchas que o seu sangue deixou no fôssco do castello onde o fusilaram, expressivas como dolorosas tragedias, não as apagará a simples vontade dos homens e sobre o seu cadaver, para o redimir, cairão as lagrimas de milhares de corações que o começam a amar e passarão os gritos dos revoltados, vivos, lancinantes como a dôr de todos os infelizes.

Mataram-no? Tanto peor para os seus inimigos, para os seus perseguidores, que sobre a consciencia lhes pesará o cadaver d'um innocente.

Porque o perseguiram? Porque no-lo roubaram?

Porque fez a Escola Moderna, catapulta formidavel a bater os pódras d'uma sociedade corrupta; porque era um luctador leal e forte, cheio de fé, de logica e de saber.

No fôssco d'um castello, como um vulgar facinora, morreu com hora, coragem e sempre coherente, quem em Hespanha foi um grande educador e o grande apostolo da

bella moral anarchista. Parece um sonho e é uma temível verdade.

Mataram-no. Sobre os seus assasinos caia toda a maldição dos homens livres e sinceros e que o seu calaver seja a fonte d'uma nova vila de lucta intemerata e constante contra todos os despotismos, contra todas as covardias legaes e contra esse espirito da Elade Media, negro, fatal, que nos dá este espectáculo de baizezas vis. Procurando egualar a sua fé, o seu arvor combativo e a sua vida coherente, drrubemos o Vaticano e a sua morte começará a ser vingada.

R. Trigueiro.

## Oitenta anos de monarchia liberal

Lição caseira—a freguezia de Ovar, para uma população de 2.500 creanças, dotada com cinco escolas officaes

Não deve deixar de ser interessante e altamente elucidativo um inquerito á vida escolar vareira—e prometemos que o havemos de fazer, um dia, com escassissima competencia, é certo, mas com boa vontade e bons desejos de sobra. Vive este povo n'um estado de depressiva apatia civica, alheio aos mais valiozos e ponderozos interesses do seu burgo que, ao cabo, se tornam os seus proprios, e, nós, sem que nos deslumbre a tarefa, protestámos acordal-o, e fal-o hemos, com as razões e com o bom senso.

Para isso aceitamos o concurso sincero e leal de todos, visto que, n'uma comum tentativa de *risorjimento*, todos nós devamos topar-nos irmanamente, pondo acima dos motivos parcelaristas o grande e superior fim colectivo; para isso, pois, todo o concurso honesto, venha de quem vier que tenha boa vontade, o aceitaremos.

É isto dito, a jeitos de introdução em livreco, vamos ás nossas escolas.

Como os leitores bem o sabem as escolas officaes da freguezia de Ovar são: uma mixta em Cabanões, duas femininas,—Rua da Fonte e Largo dos Campos—; duas masculinas—Conde Ferreira e Largo de S. Miguel—Total cinco. Cada aula e cada professor o limite maximo de creanças que podem ter é até 40 alumnos, isto se se quizer uma instrução aproximadamente digna de figurar nos rejistos como tal. Havendo, pois, cinco escolas, e dada a média, já elevada, da capacidade de 40 alumnos por cada, temos que a nossa freguezia possui instituições escolares suficientes para levar a bom termo a instrução primaria de 200 menores.

Mas a freguezia tem uma população infantil que deve exceder 2500 seres, de modo que as escolas que tem a nada lhe chegam. De facto, com cinco escolas para 2500 creanças é impossivel haver, ao menos, a sombra d'uma instrução gratuita e universal. Ou os petizes e petizas se emp lham na caza da aula como sardinha em canastra, respirando o ar por razões eziguas, encurralados, absolutamente privados de instrução razoavel e sacrificando o desenvolvimento physiologico, comprometendo a saúde e encurtando anos de vida, sem, contudo, obterem todos, ou mesmo a maioria, logar mortifero—mas emfim um logar; ou tal succede, ou os paes com sacrificio pecuniario os mandam á escola particular, ou a nenhuma, ou ainda a aulas gratuitas nocivas, como as que o fanatismo e a especulação beata por ahi sustentam com geral e grave inconveniencia.

Ora tudo isso succede um tanto. Um das escolas regorj.tam de alumnos, chegando a ter mais de cem creanças com profundo mal estar de educandos e de professor e com escandaloso caos do ensino, outras tem larga copia de frequencia conhecendo-se-lhe, embora, as inaptidões quer no professorado, quer no metodo instrutivo; e, ainda, noutras,

os chefes de familia tem de impôr-se o imposto odioso de pagarem do seu bolsinho a instrução da sua prole. Uma percentagem alarmante de menores, mais infelizes ainda, não obtem escola alguma, indo infileirar nas colunas carradas do analfabetismo ao qual, de resto, deveriam pertencer numa classificação judiciosa 90 %, ou mais, dos que se gabam de saber ler e escrever.

Este quadro que faz pavôr está longe bem longe de ser pintado com as cores severas d'uma penetrante realidade. O estado, a Ovar (freguezia) dá-lhe cinco escolas, reputando-as suficientes e proprias para instruirem as 2500 ou mais creanças que aqui existem, e isso faz-se com o complacente silencio dos senhores politicos que nunca cuidaram, uns minutos, da instrução popular. Camaras progressistas, regeneradoras, a camara franquista—todas—no pouco ou no muito tempo que ha dezenas d'anos governam, nunca, mizericordiosamente, olharam para esta publica calamidade.

A administração do concelho de quantas egrejinhas ha na manjedoura monarchica passaram sem um esforço, um tentamen a favor do alargamento dos quadros escolares e melhoria do existente.

As unicas vezes que a escola os preocupou foi pelo lado mesquinho, reles, deplorando, profundamente monarchico e caciqueiral de nomeações ou transferencias de professores. Mais nada. Nada senão isso.

Monarquicos do estado, e monarchicos das corporações, nossas, locais, em casos de instrução tem sido d'uma sovínica e d'uma indifferença pasmozas. A municipalidade administra duas escolas do legado Ferrer, uma das quaes tem a dirijil-a uma cavalgadura estampilhada de professor, e em ambas o material escolar e a propriedade do edificio são de deitar as mãos á cabeça. As camaras, cujo maior e mais nobre fim deveria ser crearem um povo civilizado, as camaras dormem ou são de jesso. As creanças da Marinha e R-beira tem de palmilhar quilometros para encontrarem uma pessima e atulhadissima escola, o mesmo succede aos da Ponte Nova e proximidades; e bairros importantissimos ha em Ovar sem terem, sequer ao menos, uma escola comum dos secos. Arruela, Poça, Bajanco S. Miguel, etc., etc. tem uma escola—masculina:—escola unica!

Feminina, mixta:—não ha!

São centenas e centenas de creanças em arterias das mais ricas e das mais importantes do povoado, tendo, se quizerem instruir-se, de irem longa ou a outros puros e simples.

A vontade e tenacidade dos paes atenua muito restritamente as consequencias da desproporção espartoza entre as escolas que ha e as que deviam haver, e o ensino primario existente sofre de uma maneira horrozoza o resultado das poucas escolas para imensos alumnos. Não seria pedir muito se se ezijissem pelo menos mais 5 escolas na freguezia, cessando em parte a vergonha de apenas possuir uma escola masculina todo o enorme agregado que vae da ponte de ferro até ao largo de S. Miguel, e acabando a mizeria barbara dos moradores da R-beira e Marinha não terem escola para os seus filhos.

Não seria pedir demais ao tesouro, visto que cinco escolas mais era ainda pouco, e não é o caso tão minimo que não meresse as atenções dos politicos-mandantes e dirigentes.

Quando o estado os não atendesse, tornassem as camaras municipaes, que tem enfeudadas ás suas pessoas ajentes da instrução publica intensiva.

Uma municipalidade poderia bem custear algumas missões de escolas moveis, prestando assim um grande serviço publico e dando a todos um digno ezemplo. As municipalidades, em Ovar, com fructo e jeral aplauzo podiam-no ter tentado...

Nunca lhes deu para ahi!

Dá lhes só para fazerem obra deseducativa—e as culpas, ainda nisto, tocam a todos—e dá-lhes para consolidarem atravez de tudo o pres-

tigio politico eleicoeiro. Os municipios, de resto, tambem não tem tido razão de queixa por ahi alem, porque, em parte, aquilo que criticam e os revolta é o resultado da sua propria pusilaminidade e da sua indifferença egoista. Não tem escolas para os seus filhos—*Cinco escolas para duas mil quinhetas creanças, ó povos!* mas, aqui para nós, e com verdadinha, isso em jeral só os arrelia quando provam do máo pessoalmento. Mas adiante e fidentes.

Ovar (freguezia) não tem escolas officaes que bastem para um quinto da sua população infantil!

Como consequencia as escolas ezistentes tem uma lotação de estudantes pavorozamente superior ao que ezijem os preceitos pedagogicos, fisiologicos e higienicos:—estragam creanças e aniquilam os professores; as escolas atueas em suma e ainda que doa estão sendo mais prejudiciaes que beneficas.

O estado—oitenta anos de monarchia liberal—abandona-nos á providencia não curando de nos preparar com boas escolas um futuro solido e uma educação apresentavel, sem por isso se esquecer de ezijir de nós a quota parte onerozissima das alcavalas e impostos:—o estado revelando-se incompetente, inepto, adverso aos grandes e prevalecentes interesses comuns, na sua forma ezistente, deve ser por nós combatido.

As municipalidades vareiras, todas monarchicas de jema, descuidando por completo o problema local da instrução, equiparam-se ao estado cuja politica servem, e não merecem senão censura, hostilidade; sendo uma necessidade publica a sua iliminación para que, sob bazes novas, a sociedade se reconstitua.

Conclusão: é indispensavel aumentar o numero das escolas na freguezia, distribuil-as judiciosamente, em harmonia com a densidade populacional, e as ezistentes e as que venham a estabelecer-se é forzozo dar-lhes mobiliario decente e suficiente, ar, espaço, ventilação, boa divizão de trabalho, bons metodos de lecionamento, e professores competentes.

Meios de o conseguir, o primeiro, é pôr de parte todos aqueles que publicamente, anos e anos, repetidamente tem provado a sua incapacidade absoluta em assuntos de instrução popular. O resto, depois, é uma questão de tino, de vontade e de persistencia.

## ECHOS DA SEMANA

### Abolição de privilegios

É como o telegrafo informa, em noticia vinda de Athenas: «A Camara dos deputados grega aprovou a supressão da instituição do comando supremo do exercito exercido pelo principe herdeiro, e a abolição do privilegio dos principes reaes para as promoções do exercito».

Já aqui o contamos miudamente, mas vá a recordação da materia. Ha um mez e pico deu se, na Grecia, uma manifestação militar e popular que *manu militare* escorraçou do poder os reacionarios, impondo ao rei um ministerio liberal reformista.

O melhor do movimento, porem, é que foi ruidosamente anti-palaciano, e debutou por escorraçar do exercito os principes—autores e fautores da desorganização, fraqueza, cáos, em que faziam as forças militares gregas. Agora o parlamento, por meio da lei votada, sanciona o acto insurreccional, e barra, para sempre, á familia real o acesso ao exercito—que se lhe manterá extranho. É uma lição que bem conviria encontrasse repercussão... bem sabem aonde.

### O bispo

Continua no galarim a personalidade untuoza, serafica, mística, do nosso igrejaio D. Sebastião. Houve por bem o ministro da justiça, aquele *grrrande* liberal, admoestal-o á boa paz e em familia, pedinchando com muito acatamento, com grande respeito, á reverenda piedade do bis-

po a solução do conflicto travado com o civil. Vae isto ha um rô: de tempos, e, até agora, o dulcerozo prelado bejense não se deu por achado e por entendido. Está á es peras das luzes do Espirito Santo, e das lições de S. Thomaz d'Aquino, apoz o que com a gravidade, a grandeza, a solenidade de alto representante da igreja dirá ao Herodes dos negocios ecclesiasticos que a honra da fé lhe veda curvar-se ás ezijencias do maçonismo, que se ha aninhado na lei. Consequentemente estabelecerá o confli cto, e como as portas do inferno não prevalecem contra a igreja, o grrrande liberal, o maçon Medeiros, terá de resignar-se a sair. Depois luminarias, e Te-Deums Laudamus.

### Tolstoi

Está gravemente enfermo o velho e grande escritor que todo o mundo venera. E aos seus achaques no fisico terá que aditar-se a dolorosa amargura que cruciará as suas vijilias:—o espectáculo enojante, barbaro, sangrento, desta primeira década do seculo. O triunfo, ainda que efemero, do Mal hade embaiar bem os dias do grande homem—doente e já avançado em anos. O que lhe estava reservado, para o fim de uma benefica vida, —ahi, na contemplação da vermina humana.

### Quatro santinhos

Conta-o, com mil delicadezas de expressão, o *Corrière della Sera*, jornal catolico de Milão, órgão onde os Civinini de todo o jenero defendem os tiranos de todo o mundo: conta-o pois, sabe Deus com que sacrificio, um grande jornal da grei. Quatro clérigos, um frade capucho, um franciscano, um arcebispo, um monsenhór:—fizeram tantas e taes, na Italia, que sem o aviso de «Só para homens» jornal algum podia referirse-lhes miudamente. O capuchinho abandonou com estrondo a ordem, o franciscano por malas artes tinha casado civilmente, o arcebispo, caloteador profissional, foi obrigado a sair de Roma; e o monsenhór «personagem gratissima do Vaticano», diz em tom deplorativo o *Corrière*, apurou-se que era... um ladrão.

Valha-nos Deus, a noticia é estampilhada pelos órgãos do catolicismo—é, seja-nos admitido o termo—uma comunicação oficial...

Ahi estão para padroeiros quatro creaturas insubstituiveis.

### A viajata

Continuam as dores de barriga a não permitirem que o nosso constitucionalissimo D. Manoel vá de longada até Madrid, quando mais não seja para admirar a corajem do colega Afonso e a arrogancia do *diestro* Maura. Irá mais tarde, o nosso rei, isto é, quando lhe passe a dôr de barriga que é a situação grave... da Espanha. Pois agora é que era o andar, e o aprender, em estratejia aplicada, as boas estocadas de *matador*.

### Indulto

Pio X, chefe da cristandade catolica, permitiu se fazer saber que, por um triz, esteve a pedir o indulto do assassinato de Montjuich.

Já não é creança S. S. mas nunca o seu serio perdeu aquele feitio de apimentado disfructador. Por pouco, que ia pedindo o indulto... Safa! que S. S. não perde tento.

### Um homem

E um governo! E' tal qual assim que a reacção de cá classifica D. Antonio Maura, e o aponta como espelho de portuguezes. Não ha duvida—é o que lhes serve; é aquelle cujo advento, arteiramente, promovem. Um Maura ou um João Franco, para varrer com *barcelonadas* os atravancos que surjem á Fé e á Monarquia. Pois porque não, santas almas?... Se já lá o tendes, vivinho, no Wenceslau pés de lan.

### As bombas

Eil-as a rebentar em Lisboa, n'um momento providencial, a chamada «maré de carvoeiro» de que falam com embevecimento os afortunados. As bombas! Tem sido uma coiza estupidamente uzada por certos anarquistas chamados de ação, e, é, pode dizer-se que em toda a parte, um recurso em via de abandonado pelos revolucionarios extremos. Mas as bombas!... Conhecem-lhes muito bem o emprego os policias de Barcelona que as collocam nas *ramblas* e as fazem explodir nos desvãos dos predios, quando a sua ferocidade ou a sua conveniencia perseguidora carecem de prizoens em massa, do estado de guerra, de fusilamentos... Aquella que na noite de segunda-feira fez tremer no seu altar S. Luiz e nos seus cubiculos os franciscanos, quem a suponha provida d'uma imitação, á moda barceloneza, provavelmente não forçará a veracidade, fazendo-a saltar fora do exato. Vamos a vêr o que sáe d'ali, d'aquella bomba providencial e expressamente favoravel aos intuitos dos que aneiam por uma matança jeral de republicanos, de livres pensadores, de avançados.

Pelas consequencias se lhe conhecerá a filiação, que não hade andar muito apartada da Parreirinha e do P.º Matos, esse Lourenço, autor de filhos sem pae. Aquella bomba! vão vêr, que é o primeiro toque das ordenanças...

### O vinho

Tem abrandado um pouquinho as lamentações nada exajeradas do nosso viticultor, não porque as coizas tenham melhora mas porque, sempre chorar, é *socking*.

Agora a cooperativa vinicola vendeu 3:000 pipas a 360 réis, um preço miseravel que nada depõe a favor dos milagres da cooperativa. Foi em Alemquer, para que os vinhateiros do sitio vejam do que lhes valeu a sociedade, pezada no orçamento do estado em dois mil contos de reis. Para o que lhes presta o dinheiro...

### Cadastro partidario

Vae n'outro logar um anuncio que os nossos leitores devem vêr.

A comissão parochial republicana de Ovar convida os nossos correligionarios a inscreverem-se, oficialmente, no caderno partidario, e de esperar é que nenhum nosso correligionario esqueça o cumprimento d'esse dever.

### Livros

Ofertado pelo seu illustre auctor recebemos o volume «*Na Procela*», de Silva Pinto. No logar proprio a ele nos referiremos; agradecendo, por hoje, o obsequio do consagrado escriptor.

*Educação Fisica*: é um manual de ginastica, destinado especialmente ás escolas e elaborado de modo a realisar o objectivo a que se destina.

Em qualquer casa de familia é um livro util, desses que se compram sem logro. E' original do official de infantaria Moreira Salles e a edição cuidada é da casa tipografica de Lisboa—Correa & Rapozo—rua Aurea—214

### Solemnia Verba

Disse ao meu coração: Olha por quantos caminhos vão andámos! Considera agora, desta altura fria e austera, os ermos que regaram nossos prantos...

Pó e cinzas onde houve flor e encantos! E noite, onde foi luz de primavera! Olha a teus pés o mundo e desespera, sementeiro de sombras e quebrantos!

Porem o coração, feito valente na escola da tortura repetida, e no uzo do penar tornado crente,

Respondeu: Desta altura vejo o Amor! Viver não foi em vão, se isto é a vida, nem foi de mais o desenganar e a dor.

Antero de Quental.

## Deo gratias...

### O crime: o protesto universal

Ah! Não! Nunca o supozemos, nós outros. Que a tirania monarchica e que o fanatismo clerical o prendessem, sob a presidencia de santo Inácio o condenassem num tribunal de exceção e num ambiente de *terror branco*, que contra ele viessem todas as tramas e todas as locubrações da calunia, que tal succedesse, que tudo se fizesse, salvo a morte, esperavamos-o,—sem duvida.

Mas assim: sem provas, sem testemunhas, sem veracidade, sem indícios, sem tribunal, sem sinceridade;—sem contemplação com a mais elemental, a mais grosseira forma de julgamento:—ó, assim, fuzilado! é para endoidecer os mais fortes.

E todavia assim é; para vergonha da desventuradissima terra de Espanha, para vergonha, afronta, angustiação, de todo o mundo civilizado; horrorosamente assim foi. Francisco Ferrer (naquelle Montjuich que tanto sangue jenerozo, puro, innocente, tem vertido ao mando da alçada da real justiça) pelo crime de sêr um independente, um propagador de verdades, um sementeiro da instrução—por aquilo que, justamente, faz honra ao jenero humano, como quem é mizozeado com a paga da gratidão social, lá cáe varado pela descarga.

Varado pela descarga—torne-se a escrever—para que se acredite!

Até ao fim, até áquele desfecho da fuzilaria fulgurante, arripiadora, esperava-se; quem se resignava a aceitar aquilo?!

Esperava-se; o sobrenatural, o inesperado; o quer que fosse de brusco, de alivante, de acalmador, que nol-o salvasse e nos não esmagasse de desespero. Ai de nós! havia de sêr: assim o queriam a sotaína e a corôa. Vá, monarchia espanhola, podes, agora, com dezafoego requebrar-te nos *tangos* da tua infamia! Podes rir, podes abraçar o teu cúmplice—miseria das miserias do sacerdote!—vá, que soa nas grimpas dos campanarios a aleluia dos sinos!

Francisco Ferrer—é de uma evidencia de agua pura—estava de todo innocente no processo que o condemnou. Leram-lhe um libelo, furaram-lhe toda a defeza, procederam com ele do mesmo modo com que o caçador nas florestas encurrula e mira a caça de preço. Porque foi, pavidamente, de uma maneira angustiante, todo o processo iniquo, refalsado, cruento, uma terrivel caçada.

Caçada para honrar o palacio, para rejubilar a basilica: mimo oferecido pelas espingardas á magnanimidade da realza e á santidade augusta da igreja... Consumou-se!

Pois é mais um hosana magnifico á gloria do potentado do ceu; e é mais uma honra rendida á majestade da terra!

Em Ovar, apezar da desintegração em que aqui se vive, e apezar do indifferentismo e incultura locais, a noticia do assassinato do grande educador catalão provocou um jeral e consolador movimento de protesto e de veemente reprovação. E o que os telegramas relatam das manifestações pelo mundo, em Lisboa como em todas as capitães, era lido com um extraordinario interesse e acompanhado com emoção.

E' que a preamar de protestos, de indignada revolta contra a Espanha monarchica e clerical, contra os seus crimes horrorizantes, em alguns paizes assume as proporções d'uma verdadeira ezaltação nacional. Não é o isolado, embora retumbante protesto, de alguns setarios; é, de lez a lez, a colera sagrada que faz rujir e bramar nas praças o leão popular ofendido nos seus sentimentos, ofragado na sua mentalidade, afrontado nos seus principios. E' o clamor da consciencia moderna contra a regressão espanhola aos tempos ominozos do Torquemada eze-crado, é o formidavel protesto da justiça contra aqueles todos, que a apunhalam nas malfeitorias supremas. Nem podia deixar de sêr—sem aberração, sem degradação da consciencia civilista, humana.

Em Paris, a municipalidade delibero dar a uma das ruas o nome gloriozo do propagandista, e tomar á sua conta os seus filhos.

Na grande capital, como em toda a França, as manifestações de pezar e de animadversão ganham extraordinaria imponencia em curtas horas, e abrazam de colera santa toda a mentalidade e todo o sentimento francez. E' um espectáculo grandiozo, impressionante, levantando do abatimento que os sucessos lugubres de Montjuich provocam. Corporações scientificas, entidades officaes, agregados operarios, cidadãos de todas as classes e de todos os credos, emfim, um poderoso movimento unanime, declarando guerra á reacção das Espanhas. O mesmo succede na Suissa, onde os proprios membros do governo, como cidadãos, assinam mensajens de protesto, lá, tambem, é preciso guardar a embaixada espanhola que o povo apedreja vigorosamente. Na Italia greves jeraes de protesto, boicotaje, e em grandes centros urbanos o povo levando o protesto ao extremo desespero das barricadas e de sangrentos motins. Manifestações, pezar, horror, eze-crção do assassinato,—na Holanda, na Beljica, na Alemanha, na Austria, na Inglaterra, na Scandinavia, nas Americas.

Nenhum paiz, agregado a algum civilizado, deixa de exprimir o seu horror, a sua condenação, contra os assassinos de Ferrer.

Se bem que ainda esboçado é já o prenuncio da vingativa justiça, da redenção rehabilitadora.

## RIDENDO...

A estudantada, a caterva de *leões* do Furadouro, marcha em busca do thesouro que lhes promete Minerva.

Cada um d'elles reserva mil saudades do namoro que ficou nadando em choro fazendo amor... de conserva.

Marchae! Saudades, rapazes, leva-as o vento! E vós sois valentes, fortes e audazes!

Agarrae-vos todos, pois, á sebenta co'as tenazes que usastes no 32...

Zzzt.

## Comissão Parochial Republicana d'Ovar

*Esta comissão convida por esta fórma os republicanos d'esta freguezia a inscreverem-se no respectivo cadastro partidario.*

*Para esse fim podem dirigir-se ao signatario ou a qualquer dos restantes membros da comissão, os cidadãos Luiz Ferreira Neves e José Tarujo Laranjeira.*

O Presidente,

Domingos Lopes Fidalgo.

## NOTICIARIO

### Dia a Dia

Faz annos no dia 24 a menina Rita Perfeito de Pinho.

As nossas felicitações.

—Partiu para Lisboa com sua familia o nosso bom amigo Dr. Francisco Ferreira d'Araujo, considerado industrial n'aquella cidade.

—Partiram domingo para Coimbra os nossos amigos e distinctos academicos Antonio Zagalo dos Santos, Anthero Cardoso e Antonio Santiago.

—Seguiu terça-feira para Lisboa, afim de cursar a escola medica d'aquella cidade, o nosso amigo João Baptista Nunes da Silva.

—Encontra-se n'esta villa o nosso conterraneo snr. Theotonio de Carvalho Magalhães.

—Partiu terça-feira para Lisboa, com destino á Ilha do Principe (Africa) o nosso patricio Augusto Hermoges Ramos, filho do snr. Manuel Henriques Ramos.

Feliz viagem e venturas.

—Regressaram do Furadouro com suas familias os snrs. dr. Salviano Cunha, dr. Antonio dos Santos Sobreira, D. Maria Araujo d'Oliveira Cardoso, Major Anthero de Magalhães, dr. José Maria Azevedo, Antonio Valente Compadre, dr. João Maria Lopes, Julio Pereira Vinagre e Manuel Gomes Dias.

### Livraria Internacional

Propriedade de Almeida, Carvalho & C.ª, Calçada do Sacramento ao Chiado, 44—Lisboa

Pelo titulo, sabem já os nossos leitores que se trata de um estabelecimento de livreiro. E' uma nova casa editora que vem lançar ao mercado uma serie importante e valioza de publicações, sob a rubrica de «Biblioteca de Educação Moderna»: da qual bastante se deve esperar para a difusão de obras primas, e de livros de real valor e utilidade segura. Recomendamol-a aos nossos leitores, com o convencimento de que encontrarão na «Livraria Internacional», de par com magnificas publicações, tudo quanto careçam do mercado de livraria quer em obras nacionaes, quer extranhas.

Tambem se encarrega, essa casa editora, de factura de impressos e de trabalhos de encadernação e typographia, ao que nos informa.

### Noticias do Furadouro

Devido á grande abundancia de chuva que caiu, não houve domingo musica n'aquella praia como estava determinado, constando que por esse motivo fôra adiada para o domingo proximo, fazendo-se ouvir durante a tarde e das 8 ás 10 horas da noite a philharmonica Ovarense.

—O mar continua agitado, não tendo havido por isso trabalho de pesca.

—Teem retirado ultimamente varias familias, chegando em substituição muitas outras.

### José Vidal

Em honra d'este nosso amigo e intelligente sub-inspector primario do circulo escolar d'Oliveira d'Azemeis, realisou-se no sabbado preterito no Palacio de Crystal do Porto um lauto jantar, oferecido pelo professorado primario do mesmo circulo, como preito de estima e admiração já pelo lidimo caracter do illustre funcionario, já pelo zelo e interesse que toma pelos assumptos referentes áquella benemerita classe.

O jantar decorreu no meio da maior animação, erguendo-se ao *toast* entusiasticos brindes a José Vidal, ao professorado e á instrução.

### Fallecimento

Falleceu no dia 16, no Porto, uma dedicada irmã do nosso presado assignante e correligionario n'aquella cidade snr. Paulo Mecambira.

O nosso cartão de pesames.

## Carreira de Banho

José Pinto Loureiro participa aos seus amigos e ao publico em geral que, desde o dia 23 d'Agosto em diante, põe na Praça um carro para serviço de banho ao preço de 140 réis cada viagem (ida e volta).

Partida para o Furadouro das 5 e meia para as 6 horas da manhã.

# TANOARIA

E

## ARMAZENS DE VINHOS

PARA

Consumo e exportação

DE

### Carrelhas & Filho, Suc.<sup>or</sup>

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropigas finas e baixas.

### FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO

Na sua "Tanoaria,, faz, toneis, pipas, qartolas, barris, de quinto, decimo, vigesimo e todo o mais concernente á mesma garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

### RUA DAS FIGUEIRAS

### == OVAR ==